

MEIAS COR-DE-ROSA E CAIXAS DE JOIAS

Allison Harms

Hoje cedo, meu marido e eu demoramos um pouco mais em nosso ritual do café da manhã.

Emma, nossa filha de quase dois anos e meio, vestida com urna blusinha vermelha e short de algodão azul, terminou sua panqueca primeiro. Limpei suas mãozinhas e seu rosto, enquanto David retirava o babador e a bandeja do cadeirão. Nós dois voltamos a nos sentar, enquanto Emma saía correndo para pegar seus tênis na área de serviço.

Quando ela voltou, eu disse:

– Você já é uma moça, querida, sabe vestir-se sozinha. – Eu ainda me surpreendia diante do interesse dela em escolher as próprias roupas e sua habilidade para vestir-se sozinha. Essas características de minha filha haviam se desenvolvido recentemente e passaram a fazer parte de sua personalidade. – Agora, vá para seu quarto e pegue um par de meias, por favor.

– Estou indo! – ela disse animada, correndo novamente.

Depois de alguns instantes, ela voltou com as meias, um par cor-de-rosa.

– Boa escolha, Emma! – eu disse.

Ela rodopiou pela mesa, dançando feliz e segurando as meias. Chamou nossa atenção para a fivela que havia prendido sozinha no cabelo. Eu a coloquei no colo e comecei a ajudá-la a calçar as meias cor-de-rosa.

Meu marido piscou, incrédulo. Eu sabia que a combinação de cores escolhida por Emma cor-de-rosa, azul e vermelho, com uma fivela verde-limão no cabelo – o deixara um tanto desnorteado.

– Você vai permitir que ela saia assim?

Eu sorri.

– Você vai permitir que ela faça caixas de joias com sobras de madeira?

Rimos juntos, lembrando-nos da história.

Quando tinha cerca de oito anos, David encontrou algumas sobras de madeira na garagem. Eram triângulos recortados dos degraus da escada do porão que seu pai havia instalado recentemente. David não resistiu ao ver aquelas tábuas; sua criatividade veio à tona. Ele decidiu montar, por conta própria, uma caixa de joias para sua mãe.

David ainda se lembra de ter ficado completamente absorto durante a montagem da caixa de joias. Nivelada, quadrada e firme – essas eram as regras para lidar com madeira que ele aprendera com o pai, observando-o enquanto consertava móveis, colocava a cerca no lugar e instalava a escada. E David fez uma obra de arte e amor que era nivelada, quadrada e firme – de acordo com a habilidade de um menino de oito anos usando sobras de madeira. Ele sentiu-se feliz por criar um presente que tinha orgulho de oferecer. O presente expressava o amor que ele nutria pela mãe.

Hoje, ao fazer uma retrospectiva, David descreve o presente como "um caixote de madeira, um caminhão com removedor de neve", não uma caixa de joias. Ele diz que a peça não se parecia em nada com uma caixa; assemelhava-se mais a um bloco de madeira e era muito pesado.

– Meus pais nunca me disseram que a caixa era feia – dizia David.

Eles consideravam a caixa de joia um verdadeiro tesouro e incentivaram suas ideias criativas. O pai dele começou a guardar sobras de madeira na garagem e mostrou a David e aos outros filhos como usar as ferramentas, convidando-os a construir o que desejassem. A mãe deixou a caixa de joias exposta durante anos. O martelo usado por David havia entortado os pregos em todas as direções, de modo que a mãe teve de colocar uma toalhinha embaixo da caixa para evitar riscos na cômoda, o primeiro móvel que ela havia comprado.

Com o passar do tempo, a caixa de joias foi levada ao sótão para fazer companhia a outros pertences da família; David acha que vai herdar a caixa de seus pais. Um dia, Emma, a filha de David, segurará aquela caixa de joias nas mãos e verá como a criatividade é estranha, como os olhos de um adulto enxergam a tentativa de uma criança que deseja expressar amor. Em seguida, ela ouvirá a história. E espero que ela se lembre-se de que seus pais a incentivaram a manifestar seus talentos, que apreciavam muito.

Mas, por ora, Dave estava esticando o braço para amarrar os tênis de Emma.

– Está bem – ele disse. – Chega de reprimir manifestações de _ . criatividade. – Em seguida, ergueu a cabeça e piscou para mim. –Você tem uma toalhinha?

A felicidade entra sorrateiramente por uma porta
que você não sabia que havia deixado aberta.

JOHN BARRYMORE